

3. Uma felicidade que nos compromete em transformar o mundo

Santidade é, nada mais nada menos, que *amar* em todas as situações. Só amando somos felizes. «*Então, o vosso coração há de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria*» – diz-nos Jesus (Jo 16, 20.22). E amamos porque primeiro fomos amados. Por isso, ser santo é resposta serena e profunda de quem se sente amado por Deus e, com Ele, entende o sentido da vida.

«A sedução com que nos bombardeiam é tal que, se estivermos demasiado sozinhos, facilmente perdemos o sentido da realidade, a clareza interior, e sucumbimos» (*Gaudete et Exsultate* 140). Daí a importância de nos abirmos aos outros. A santificação é um caminho comunitário. Partir de Cristo, da intimidade do seu amor, para agir na sociedade, é santificar-se e santificar o mundo. Por outras palavras: é preciso sair de nós para vermos a felicidade entrar em nós. Era a compaixão de Jesus que o impelia a sair de Si mesmo a fim de anunciar o caminho da felicidade, curando e libertando as pessoas de todo o mal.

É este desafio do Papa Francisco que queremos lançar na *Semana Nacional da Educação Cristã de 2018*: de modo muito especial, aos pais, avós, professores, catequistas, sacerdotes, diáconos e todos os educadores cristãos. Um convite a serem, no mundo, testemunhas da santidade e da conseqüente alegria com que se entregam aos educandos que lhes são confiados. Um convite a que também eles sigam pelo mesmo caminho de santidade que os pode fazer felizes, pela entrega da fé a Deus e a oferta da vida aos outros.

Festa de S. Lucas, 18 de outubro de 2018

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOCTRINA DA FÉ

SER FELIZ É SER SANTO



O sermão da montanha, Károly Ferenczy

Nota Pastoral

Semana Nacional da Educação Cristã

19-28 de outubro de 2018

1. A felicidade proposta por Jesus

Ser feliz é o que todos nós mais desejamos.

E Deus, que nos criou para sermos felizes, revela-nos que a felicidade se alcança fazendo o que Lhe dá glória e nos dignifica como seres humanos. Nesse sentido chamou também à santidade. “*Sede santos, porque Eu sou Santo*” (1Ped 1,16).

Jesus, por sua vez, une explicitamente a felicidade à santidade, designadamente nas bem-aventuranças (cf. Mt 5,3-12; Lc 6,20-23). Diz, a esse propósito, o Papa Francisco: «A palavra ‘feliz’ ou ‘bem-aventurado’ torna-se sinónimo de ‘santo’, porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade» (*Gaudete et Exsultate* 64).

Trata-se de um caminho que começa pelo reconhecimento da própria pobreza e (n)a consequente entrega a Deus que, deste modo, nos potencia para fazermos, para com os outros, o que só Ele faz em plenitude: ter uma compaixão ou misericórdia, que nasce de um coração puro, nos leva a construir uma paz que radica em justiça. Um caminho que nos conduz àquela felicidade que nem as perseguições destroem. Pelo contrário: é então que a nossa entrega é maior e a felicidade atinge a sua plenitude. Como aconteceu com o próprio Jesus que na morte alcançou a ressurreição. Sim, nas bem-aventuranças Jesus traça-nos o caminho da felicidade que Ele próprio percorreu, enquanto Filho de Deus que por nós deu a vida.

2. Uma felicidade diferente daquela que o mundo nos oferece

Não há dúvida que este caminho proposto por Jesus colide com aquele que o mundo propõe. É neste sentido que o Papa Francisco, na citada exortação *Gaudete et Exsultate* (Alegrai-vos e Exultai) propõe o modelo cristão de felicidade como alternativa ao da sociedade consumista e egoísta. «Se não cultivarmos uma certa austeridade, se não lutarmos contra esta febre que a sociedade de consumo nos impõe para nos vender coisas, acabamos por nos transformar em pobres insatisfeitos que tudo querem ter e provar» (*Gaudete et Exsultate* 108).

E nasce assim uma cultura marcada pela “ansiedade nervosa e violenta”, “o negativismo e a tristeza” ou o individualismo destrutivo. Uma cultura que se apodera das novas tecnologias, das redes sociais, que tanto bem podem fazer (informação fidedigna, comunhão entre as pessoas, crescimento e aprimoramento do saber), mas que, por sua vez, comporta muitos riscos.

Daí o alerta do Papa contra o consumismo da “informação superficial”, as “formas de comunicação rápida e virtual” que criam um ‘turbilhão’; e o convite a evitar a participação em “redes de violência verbal através da internet”; bem como o aviso de que “mesmo nos media católicos é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia”.

Não basta, pois, estar conectados; é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro, como um meio para viver a caridade com os outros.